

TONACCI, Andrea (Roma, 1944). Diretor. Imigrou para o Brasil em 1953, instalando-se em São Paulo. Curso interrompido de Engenharia Civil na Universidade Mackenzie. Antes do cinema, interessou-se por várias expressões artísticas. Sem ter feito parte de nenhum cineclubes ou realizado qualquer curso de cinema, foi para a Itália, em 1962, onde ficou três meses acompanhando a prática dos estúdios romanos. Sua primeira experiência cinematográfica foi no curta-metragem *Olho por olho* (1965). Passou a câmera nos curtas de Rogério Sganzerla, *Documentário*, e *O Pedestre*, de Otoniel Sena. Em 1968 lançou o curta-metragem *Blá-blá-blá*, uma de suas fitas mais conhecidas. Com uma equipe pequena e locações nas cidades de Belo Horizonte e Montes Claros, realizou o primeiro longa-metragem, *Bang-bang*, lançado em São Paulo somente em 1973, numa única sala, depois de dois anos esperando exibição. A película é um dos ícones do Cinema Marginal. Entre 1969 e 1973 participou da realização de diversos documentários.

A partir de 1973, descobriu as possibilidades da tecnologia em vídeo, do qual foi um pioneiro, que lhe dava a ilusão de uma intervenção social mais profunda. No seu entender, o vídeo terminava com a aura do “cineasta”, porque não precisava de produtor, laboratório, distribuição e despistava a censura do regime militar. Era uma retomada dos princípios da “caméra-stylo” de Alexandre Astruc. Ainda que o processo de vídeo da época fosse em PB, empreendeu a filmagem de vários shows (Miles Davis, Milton Nascimento e Jorge Mautner), passando para um experimentalismo mais profundo com os documentários sobre o processo de criação do pintor Aguilar (*Do totem ao tabu* e *Roberto Aguilar em Nova York*). Para a atriz Ruth Escobar registrou oito horas em vídeo sobre a excursão européia da companhia teatral. Transferido em Nova York para 16mm, a montagem de *Jouez encore, payez encore* ficou paralisada, sendo finalizada somente em 1995 (circula em vídeo numa versão reduzida de 30 min).

Seu segundo longa foi *Conversas no Maranhão*. Filmado numa aldeia da tribo Canela a partir de 1977, tratava da demarcação da reserva indígena pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI. Tonacci realizou a maioria das funções técnicas e o filme foi exibido somente em 1986. Com o apoio da Fundação Guggenheim registrou em vídeo as experiências culturais de vários povos indígenas latino-americanos e norte-americanos num trabalho de documentação que se estendeu de 1977 a 1983. Em 1979 iniciou o registro do povo Arara, coletando cerca de 30 horas de gravação. Parte do material foi montado em parceria com a TV Bandeirantes, resultando em dois programas de 60 minutos cada.

Assim como outros cineastas, Tonacci também trabalhou com vídeos institucionais. Abrindo uma vertente participante dentro do social urbano da década de 1970, realizou documentários para os sindicatos operários de São Paulo como *Primeiro de Maio em São Bernardo do Campo*. Sempre à margem do sistema comercial de produção, recebeu um financiamento da Fundação Montecinemaverità, em 1992, para o projeto *Agora nunca mais*. Desde 1999 tem buscado recursos para a finalização do longa *Serra da desordem*, retomando a preocupação com os povos indígenas.

JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA

1 lauda, 500 palavras, 2697 caracteres, 4 parágrafos, 45 linhas.

FILMOGRAFIA: *Bang-bang*, *Conversas no Maranhão*, *Jouez encore, payez encore*, *Serra da desordem*.